

CAPÍTULO III

UNIVERSIDAD PARA LA INTEGRACIÓN LATINOAMERICANA (UNILA), BRASIL. UNILA: DO CONCEITO À CONCRETUDE (2010-2018)

Gustavo Oliveira Vieira¹⁰

Introdução

Imagine uma sala de aula, de uma instituição pública e gratuita, do curso de bacharelado em Relações Internacionais com estudantes de pelo menos dez nacionalidades latino-americanas diferentes: eis o cotidiano do referido curso da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil. Além disso, alguns estudantes argentinos e paraguaios podem voltar para casa todos os dias, pois a instituição está situada numa fronteira trinacional. Mesmo sendo uma instituição federal brasileira, que responde jurídica e administrativamente ao padrão da sua rede de 64 universidades federais, a presença internacional e a localização na fronteira mais viva do Brasil fazem da UNILA um diferencial importante para o sistema do ensino superior brasileiro e, quiçá, da América Latina. Trata-se de uma instituição *sui generis*, ainda que muito jovem, acerca da qual vale o esforço de compartilhar suas realizações e seus desafios – objetivo do presente texto.

Num contexto em que a educação, e em especial o ensino superior, é percebido como serviço a ser explorado pelo mercado, um ativo de alto valor nas bolsas de valores e negociado enquanto commodity no horizonte do capitalismo transnacional, as universidades têm sido vistas também como parte de corporações. A commoditização do ensino superior pode ser percebida pela exponencial ampliação quantitativa e aumento proporcional das matrículas do ensino superior por instituições privadas no Brasil, acompanhada de um aumento quantitativo, mas uma? diminuição proporcional significativa das matrículas nas instituições públicas estatais. Diante desse cenário, a hipótese desse texto é de o modelo institucional da UNILA afirma outro paradigma: a universidade como *bem comum* e a educação como direito social, resultado de uma política pública capaz de promover o desenvolvimento humano combinado com o

10 Terceiro Reitor pro tempore da UNILA (2017-). Bacharel, mestre e doutor em Direito. Professor adjunto de Direito Internacional e Integração no Curso de Relações Internacionais da UNILA. Coordenador do Núcleo de Estudos para Paz (CNPq) e autor de livros como “Constitucionalismo na Mundialização: desafios e perspectivas da Democracia e dos Direitos Humanos”, 2015, e “Formação do Estado Democrático de Direito”, 2016 (ambos pela editora Unijuí).

desenvolvimento socioambiental – para um território fronteiriço carente de políticas públicas de cunho social.

Para melhor introduzir a condição atual (2018) da UNILA, faz-se necessário explanar, em primeiro lugar, o contexto em que está inserida e alguns fatos que motivam o início e as visões sobre a instituição e o que se tem de concreto. Em seguida, algumas problematizações sobre o território onde está inserida e os gargalos institucionais, endógenos e exógenos, para se poder mensurar e elencar os desafios porvir.

I - A UNILA contextualizada

Para se ter uma compreensão da UNILA, problematizando-a no contexto do ensino superior latino-americano, é fundamental transitar sobre seu contexto, primeiro no ensino superior brasileiro (I.1), expor suas razões conceituais (I.2) e depois o que se tem de concreto, em números (I.3), até aqui (2018).

I.1 UNILA no contexto do Ensino Superior Brasileiro

A educação superior no Brasil é tardia, se comparada aos demais países latino-americanos. Enquanto as primeiras universidades latino-americanas surgem ainda no século XVI (1538 em Santo Domingo e 1551 em Lima, Peru), o Brasil inicia os primeiros cursos no início do século XIX (Recife e São Paulo, inicialmente). Ainda assim, nesse mesmo século a elite brasileira tendia a buscar estudos na metrópole (Portugal). O que indica o viés colonial exploratório distinto em termos mercantis e os legados *não* pretendidos, e de outro lado explica o tardio desenvolvimento da educação e da pesquisa, com importantes efeitos culturais e da construção da periferia do capitalismo na América do Sul.

Inegável que as políticas públicas estatais têm um papel importante para a promoção da educação, mas em diversas regiões antecederam a atuação do Estado ações e instituições educacionais de grupos religiosos, como jesuítas e maristas, deixando um legado importante para a educação, no Brasil e na América Latina. Tais grupos religiosos foram responsáveis pela formação de uma massa crítica que depois seria absorvida pelas escolas e universidades públicas e comunitárias – e algumas com continuidades em instituições de destaque como as PUCs, UNISINOS, LASSALLE, apenas para mencionar alguns exemplos.

É somente no século XX que as universidades passam a ser constituídas no Brasil. E são erigidas em ciclos de expansão pontuais, ao longo das décadas da segunda metade do século. Expansão que ocorre seguindo o fluxo territorial sincrônico ao crescimento econômico, e mais recentemente, já no século XXI, com uma expansão voltada ao interior do país, em direção às suas fronteiras e a regiões social e economicamente mais vulneráveis – e também com políticas de assistência estudantil capazes de viabilizar a permanência de estudantes oriundos dos grupos social e economicamente mais depauperados.

O censo da educação superior do ano de 2016 apontava um total de 8.052.254 (oito milhões, cinquenta e dois mil e duzentos e cinquenta e quatro) estudantes matriculados nos 34.366 cursos superiores cadastrados em alguma das 2.407 instituições de ensino superior do Brasil - 53,7% das matrículas são concentradas em 197 universidades (INEP, 2017). Apenas 16% da população brasileira entre 25-34 anos tem curso superior. Cabe destacar que em 2006 eram menos de 5 milhões de estudantes matriculados no ensino superior, ou seja, um aumento de 62,5% em dez anos (2006-2016). Desse total de estudantes no ensino superior em 2016, somente 1.249.324 estão matriculados nas universidades federais brasileiras. E o número de estudantes matriculados nas universidades públicas estatais, no total, são 1.990.078 matrículas - 24,7% do total. Em síntese, ainda que tenha ocorrido um aumento muito significativo da oferta de ensino superior no Brasil, a grande parte da expansão ocorreu nas instituições privadas, diminuindo, inclusive, o percentual que as instituições públicas respondem sobre a totalidade das matrículas. Expansão nas privadas em grande parte realizada pelos mecanismos de subsídios e financiamentos públicos estatais.

É diante desse contexto que o professor Dias comenta o relatório sobre a internacionalização do ensino superior da Associação Internacional de Universidades, que destacava, “sem ambiguidades, que o risco mais significativo da cooperação internacional para as instituições é o fato de as oportunidades serem disponíveis apenas para estudantes com recursos financeiros. Por outro lado, os entrevistados assinalaram como risco social mais grave a mercantilização/comercialização da educação” (DIAS, 2015, p. 36). Ou seja, um risco posto por um cenário que é local e global. E é justamente no fluxo das políticas de internacionalização do ensino superior, mas na contramarcha da mercantilização da educação que se constrói a UNILA, como ver-se-á a seguir pelas suas razões conceituais.

1.2 Razões conceituais da UNILA

A UNILA é uma universidade jovem, mas fruto de um projeto intelectual maduro. É jovem pela razão de não se poder mensurar as realizações e contribuições de uma universidade em anos, senão em décadas, ou quem sabe em centenas de anos. O impacto do conhecimento enquanto estratégia de desenvolvimento é de longo para longuíssimo prazo, ao mesmo tempo em que é de difícil mensurabilidade. E seu projeto intelectual é maduro pelo redirecionamento que representa na internacionalização do ensino superior, em favor de uma *geopolítica do conhecimento* reorientada do Sul e para o Sul, direcionada da América Latina e para a América Latina - algo surpreendentemente minoritário para o padrão dos projetos de internacionalização do ensino superior vigentes no Brasil¹¹.

11 Evidente que há de se reconhecer diversos esforços no marco da internacionalização do Ensino Superior como a Associação de Universidades do Grupo Montevidéu, ACRULAC, UDUAL, AUALCPI, Bramex e Bracol para graduação e PAEC para pós-graduação do Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras, que reforçam essas iniciativas de cooperação interuniversitária na lógica Sul-Sul. Entretanto, é claro que não se compara aos esforços e financiamentos já recebidos pelo Programa Ciências Sem

No fluxo das ações de política externa, evidente que a UNILA representa um capital político para a produção de um *Soft Power*, como descreve Joseph Nye (2004), em favor do Brasil, muito por força dos vínculos que futuros líderes latino-americanos terão com o país e sobre a *locus* de produção de conhecimento latino-americanista ser atraído para cá. Ainda que se critique a possibilidade de isso representar um subimperialismo brasileiro sobre a América Latina, a UNILA pode ser interpretada como uma forma de exercer liderança a partir do provimento de direitos sociais, com a inclusão dos não-nacionais. Ao mesmo tempo que foi forjada na sintonia e na onda de um conjunto de políticas exteriores brasileiras de cooperação Sul-Sul, como BRICS, e iniciativas institucionais de integração latino-americanas como UNASUL e CEPAL.

No plano normativo, a UNILA é uma criação que ocorre pela promulgação da Lei 12.189 de 12 de janeiro de 2010, de natureza jurídica autárquica, vinculada ao Ministério da Educação – ministério que por sua vez é órgão da União, de assessoria da Presidência da República.

A própria lei de criação define aspectos identitários e conceituais, como em seu artigo 2º:

Art. 2º A Unila terá como objetivo ministrar ensino superior, desenvolver pesquisa nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos aptos a contribuir com a integração latino-americana, com o desenvolvimento regional e com o intercâmbio cultural, científico e educacional da América Latina, especialmente no Mercado Comum do Sul - MERCOSUL.

A Unila caracterizará sua atuação nas regiões de fronteira, com vocação para o intercâmbio acadêmico e a cooperação solidária com países integrantes do Mercosul e com os demais países da América Latina.

Os cursos ministrados na Unila serão, preferencialmente, em áreas de interesse mútuo dos países da América Latina, sobretudo dos membros do Mercosul, com ênfase em temas envolvendo exploração de recursos naturais e biodiversidade transfronteiriças, estudos sociais e linguísticos regionais, relações internacionais e demais áreas consideradas estratégicas para o desenvolvimento e a integração regionais. Mais adiante, na lei de criação, também é definido alguns aspectos sobre seleção internacional de docentes e discentes.

Art. 14. Com a finalidade de cumprir sua missão institucional específica de formar recursos humanos aptos a contribuir para a integração latino-americana, o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional da América Latina, especialmente no Mercosul, observar-se-á o seguinte:

I - a Unila poderá contratar professores visitantes com reconhecida produção acadêmica afeta à temática da integração latino-americana ou do Mercosul, sendo observadas as disposições da Lei nº 8.745, de 9 de dezembro de 1993;

Fronteiras, que buscou projetar 100 mil jovens brasileiros basicamente para América do Norte e Europa, com algum lugar para China e Coreia do Sul.

II - a seleção dos professores será aberta a candidatos dos diversos países da região, e o processo seletivo será feito tanto em língua portuguesa como em língua espanhola, versando sobre temas e abordagens que garantam concorrência em igualdade de condições entre candidatos dos países da região;

III - os processos de seleção de docentes serão conduzidos por banca com composição internacional, representativa da América Latina e do Mercosul;

IV - a seleção dos alunos será aberta a candidatos dos diversos países da região, e o processo seletivo será feito tanto em língua portuguesa como em língua espanhola, versando sobre temas e abordagens que garantam concorrência em igualdade de condições entre candidatos dos países da região; e

V - os processos de seleção de alunos serão conduzidos por banca com composição internacional, representativa da América Latina e do Mercosul.

Cumprido salientar que sincrônica à UNILA, que tem o papel de ressignificar as relações do Brasil com os demais países latino-americanos, é criada também a UNILAB, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, localizada no nordeste do Brasil, nos estados do Ceará e Bahia, em quatro *campi* distintos, e que tem como finalidade refazer as relações do Brasil com os países de língua portuguesa da África. Aliás, a reitoria fica no município de Redenção no Ceará, supostamente primeira localidade a promover oficialmente a abolição da escravidão no Brasil (UNILAB, 2018). Ambas instituições, UNILA e UNILAB, nascem da pretensão, não expressa, mas subentendida, de recompor os laços do Brasil, uma com a América Latina e outra com os países africanos de língua portuguesa. Restauração que é carregada de sentido histórico.

Agora, em específico sobre a UNILA, a seleção internacional de estudantes de graduação também foi pautada pelo Plano de Desenvolvimento Institucional de 2013 que delimitou 50% das vagas de cada curso de graduação para estudantes latino-americanos não-brasileiros, e as demais 50% das vagas para brasileiros. Lamentavelmente não se tem preenchido todas as vagas restritas a não-brasileiros, que atualmente ocupam aproximadamente 30% do total de matrículas existentes, como se verá nos indicadores e números da instituição.

I.3 UNILA em números

A criação da UNILA é de 2010, quando iniciam as primeiras contratações e os primeiros cursos. Ao longo dos primeiros quatro anos de estruturação, greves importantes ocorreram no sistema de universidades federais brasileiros. Com isso, após 2014 a instituição realiza forte expansão com mais 13 cursos de graduação e 6 mestrados, atingindo em 2018 um total de 29 cursos de graduação, oito mestrados e quatro especializações, além de uma residência multiprofissional, alcançando 4700 estudantes de vinte países diferentes e 880 servidores - dos quais 520 técnicos e 370 professores (aproximadamente 80% com doutorado).

Nessa curta história, uma guinada parece estar em curso no aspecto da infraestrutura. No início da universidade houve a doação de um terreno de 38

hectares na entrada da Itaipu Binacional pelo lado brasileiro e um projeto de construção de uma obra Niemayer para o campus universitário, que ficou nas primeiras estruturas. Passados oito anos, o esqueleto está no estágio em que estava em 2014, sem nem mesmo a estrutura concluída das três primeiras edificações, obra parada e sem recursos para investimento para prosseguir, indicando que a instituição provavelmente tenha que buscar novos caminhos para se estruturar na região, com espaços físicos mais austeros e melhor integrados aos atores locais.

Outro aspecto que indica a realização da missão institucional conectada ao enfrentamento da desigualdade social, estrutural, na América Latina, é o fato de mais da metade dos estudantes da instituição serem os primeiros a alcançarem o ensino superior em todo seus grupos familiares, e grande maioria advindo de escolas públicas, conforme evidenciado em pesquisa realizada em 2017 pela própria gestão da universidade com mais de mil estudantes. Ou seja, um ensino superior de qualidade, público e gratuito, que não é mais restrito às classes economicamente mais abastadas da sociedade, como ocorria noutros tempos. Isso também traz um desafio, que é a estruturação de uma assistência social que viabilize acesso e permanência, sobretudo evidencia o grave problema que é uma lacuna atual que é a ausência de um restaurante universitário para prover alimento adequado e balanceado aos estudantes mais vulneráveis.

4.700 Estudantes	29 cursos de Graduação	8 Mestrados	880 servidores
20 nacionalidades diferentes: -Argentina -Bolívia -Brasil -Chile -Colômbia -Costa Rica -Cuba -Equador -El Salvador -Guatemala -Haiti -Honduras -México -Nicarágua -Panamá -Paraguai -Peru -República Dominicana -Uruguai -Venezuela	-Administração Pública; -Antropologia; -Arquitetura e Urbanismo; -Biologia; -Biotecnologia; -Cinema e Audiovisual; -Ciências da Natureza; -Ciência Política e -Sociologia; -Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar; -Economia; -Engenharia Civil, -Engenharia Química, -Engenharia Física, -Engenharia de Materiais; -Engenharia de Energias; -Filosofia (L); -História (L e B) -Geografia (L e B) -Matemática (L); -Medicina; -Música; -Letras Artes e mediação cultural; -Letras – espanhol e português; -Química (L); -Saúde Coletiva; -Serviço Social; -Relações Internacionais (L – Licenciatura; B - Bacharelado)	-Biociências; -Biodiversidade Neotropical; -Engenharia Civil; -Física Aplicada; -Integração Contemporânea da América Latina; -Políticas Públicas e Desenvolvimento; - Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos; - Literatura Comparada Especializações - Relações Internacionais - Direitos Humanos - Ensino de Idiomas Adicionais Residência - Multiprofissional em Saúde da Família	- 520 técnicos - 370 docentes (de 15 nacionalidades diferentes e 80% com doutorado)

A tabela acima parece responder à crítica que se fez e se faz à instituição, como aparece no trecho a seguir: “Algumas das novas universidades criadas por Lula, como a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), A Universidade da Integração Afro-Brasileira (UNILAB) e a Universidade de Integração Amazônica (Uniam), tinham uma finalidade mais política que acadêmica” (OPPENHEIMER, 2010, p. 242). Evidente que toda instituição tem uma dimensão política, assim como as universidades, mas um sentido político plenamente justificado enquanto política de Estado e não política de governo como querem depreciar alguns.

II - UNILA no território: Foz do Iguaçu e a fronteira Trinacional

Se a história das universidades brasileiras é curta se comparada às suas pares (não fica bem assim – sugiro: comparada às outras universidades latino-americanas) latino-americanas, o ensino superior em Foz do Iguaçu então é recentíssimo, pois iniciou em 1979 (PARO, 2016, p. 171), e apesar de importantes avanços desde então, a UNILA é a instituição de maior impacto, tanto imobiliário quanto cultural. De acordo com a jornalista Denise Paro, a “vinda de estudantes de todas as partes do Brasil e da América Latina para Foz do Iguaçu movimentou o mercado imobiliário e mexeu com a cidade. No entanto, o mais importante é o resultado da convivência entre pessoas de diferentes culturas e a quebra de preconceitos” (2016, p. 175).

Foz do Iguaçu é a fronteira mais viva do Brasil, e excetuando a fronteira do México com Estados Unidos, é também área de fronteira de maior população da América Latina. Ainda que seja uma cidade de porte médio, com 264 mil habitantes, situada no interior do Paraná, Foz é o segundo destino turístico do Brasil, e tem do outro lado do Rio Paraná uma população de mais de 600 mil pessoas – que engloba as municipalidades de Ciudad del Este, Hernandarias e Presidente Franco, do Departamento de Alto Paraná no Paraguai – num cotidiano que se faz bastante integrado. Enquanto tríplice fronteira, nota-se que do outro lado do Rio Iguaçu mais 90 mil pessoas residem em Puerto Iguazu, Província de Misiones, Argentina.

No olhar da mídia convencional, Foz do Iguaçu, e a tríplice fronteira numa perspectiva integrada, aparecem a partir do estigma da violência, como polo de criminalidade, espaço de uma “subcultura delinquente” (ABREU, 2017), onde convergem ou se concentram atos de corrupção, tráfico de drogas, tráfico de armas e de munições, tráfico de pessoas, contrabando de cigarro e medicamentos e descaminhos de eletroeletrônicos (GLOBO, 2018). Para se ter uma dimensão quantitativa, 8,5 toneladas de entorpecentes foram apreendidas pela Polícia Rodoviária Federal apenas em 2016; em 2017 a Receita Federal apreendeu 45 toneladas de entorpecentes; no mesmo ano, 122 armas e mais de 13 mil munições pela PRF e a Receita Federal apreendeu 221 milhões de maços de cigarros. Esses

números dão a dimensão do que isso significa para o abastecimento das grandes redes de criminalidade brasileiras e que já formaram suas redes transnacionais.

Para o turismo, Foz do Iguaçu ocupa uma posição privilegiada como segundo ou terceiro principal destino turístico do Brasil. A combinação das atrações como as cataratas, que figura entre as maravilhas do mundo (que em 2017 recebeu mais de 1,5 milhões de visitantes), Itaipu Binacional (obra de engenharia monumental, maior produtora de energia limpa do planeta, com arquitetura jurídica *sui generis* por se tratar de uma empresa binacional, que recebeu aproximadamente um milhão de visitantes em 2017), as oportunidades e atrações de Ciudad del Este no Paraguai e Puerto Iguazu na Argentina, dentre outras variadas atrações de menor porte, aliada a uma infraestrutura hoteleira de difícil comparação no interior do Brasil.

Falar de Foz do Iguaçu também é tratar da Itaipu Binacional (fonte de 17% da energia elétrica brasileira e 76% do Paraguai), cuja construção, de 1974-1984, criou o maior canteiro de obras do Brasil no final da década de 1980, atraindo mais trabalhadores que a população do município à época, gerando efeitos irreversíveis em todos aspectos na região. Estima-se que 40 mil trabalhadores se deslocaram para a construção, e todo um lado da cidade teve que ser erguido para abrigar os trabalhadores e suas famílias, culminando também no desemprego posterior dos barrageiros que acabaram, em muitos casos, ficando na cidade, e alterando não só a condição urbana quanto a situação socioambiental.

O “efeito Itaipu”, segundo Denise Paro, “causou um impacto sem precedentes em Foz do Iguaçu e significou uma quebra de paradigmas em relação aos ciclos econômicos anteriores da cidade, o da erva-mate e da madeira. Um total de 1.350 quilômetros quadrados ficou submerso, dos quais 780 km² no Brasil e 570 km² no Paraguai” (PARO, 2016, p. 77) para o reservatório da usina, e oito municípios teriam deixado de colher 200 mil toneladas de produtos agrícolas. Efeito que a partir de 2003 tem novas dimensões com a assunção, por parte da Itaipu Binacional da responsabilidade socioambiental que reverte em investimentos nas áreas ambientais, sociais, de desenvolvimento econômico e infraestrutural. A responsabilidade socioambiental da Itaipu Binacional que se reverte em fontes importantes de recursos para o desenvolvimento estratégico e promoção de direitos na região.

Outros tantos olhares são possíveis para a região, como o fato de ser um polo logístico importante, no “corredor” entre o Atlântico e Pacífico, conectando porto de Paranaguá ao Chile, por onde grande parte da carga que vem (do) e vai ao Paraguai do Brasil. E mais recentemente, Foz passa a figurar como uma cidade universitária, que concentra duas instituições públicas de ensino superior – UNILA, um polo da UNIOESTE, uma comunitária (Uniamérica), e outras privadas (como UDC, e faculdades como Unifoz, CESUFOZ, polos de EAD). Atualmente um novo fenômeno afeta a cidade que são os estudantes brasileiros que tem vindo para estudar medicina no Paraguai, que já somam na cidade vizinha mais de dez mil estudantes – algumas fontes chegam a falar em 16 mil estudantes de medicina

em Ciudad del Este -, boa parte vivendo em Foz e indo e vindo diariamente a Ciudad del Este.

Sobre a condição migratória, apenas em Foz do Iguaçu, segundo dados da Coordenação-Geral da Polícia de Imigração, estão registrados na divisão de cadastro do registro de migrantes de mais de 40 mil pessoas, ou seja, aproximadamente 16% da população é composta por estrangeiros de 90 nacionalidades diferentes. Desses, 14 mil são paraguaios, nove mil libaneses e quatro mil chineses e outros quatro mil argentinos. Trata-se de um caldo intercultural (OLIVEIRA, 2012), próprio das regiões de fronteira, que é potencializado quando é uma tríplice fronteira, povoada e de grande fluxo de pessoas e mercadorias, como Foz do Iguaçu.

Na cartografia, Foz é situada na parte interna de um “L”, que na parte vertical tem o Rio Paraná (fronteira com Paraguai), cujo extremo norte situa-se a Itaipu Binacional, e na parte horizontal o Rio Iguaçu (fronteira com Argentina), onde na ponta leste estão as Cataratas. Nesse território, a Unila está concentrada na região norte, que foi desenvolvida ao longo das últimas décadas pela Itaipu, principalmente na região oeste.

III – UNILA e seus desafios institucionais

Os desafios da UNILA ainda são muitos, instituição universitária jovem e formada por um quadro de servidores igualmente jovem, e seus desafios podem ser percebidos tanto internamente, endógenos, ou melhor, aqueles cuja solução está nas mãos da instituição resolver, quanto externamente, exógenos, aqueles que gera um conjunto de vulnerabilidades não controlada pela instituição mas afeita a cenários exteriores.

Dos aspectos endógenos, destaca-se o fato de o projeto universitário de identidade própria parece não ter alcançado um ponto de maturação que envolva todo o quadro de servidores da instituição. Ou melhor, não está claro como se faz, no cotidiano, o diferencial da “integração latino-americana” no dia-a-dia e o quanto interfere no “como” das tarefas e em seus conteúdos e sentidos. Há um longo caminho para se realizar o aspecto da integração latino-americana nos processos de ensino, pesquisa e extensão. O bilinguismo também tem muito o que ser qualificado e trabalhado nos processos formativos internos, além dos desafios próprios da pretensão da interdisciplinaridade e interculturalidade. Do ponto de vista administrativo, falta a legitimação de uma reitoria eleita pela própria comunidade acadêmica – os três primeiros reitores foram pro tempore, nomeados e indicados pelo próprio ministério da educação (na reunião do Conselho Universitário de 23 de março de 2018 foi aprovada resolução para eleições internas, que deverão ocorrer ainda no ano de 2018).

Um desafio específico e dos mais significativos diz respeito à infraestrutura. Houve a projeção de um campus, com a assinatura do grande arquiteto que projetou Brasília e tantas magníficas obras pelo mundo, Oscar Niemeyer. Entretanto, a um custo estratosférico. Enquanto as universidades novas faziam

prédios a USD400.00 (quatrocentos dólares) o metro quadrado, na UNILA seria mais de USD 1,600.00 (mil e seiscentos dólares), e para receber primeiras obras custaria mais de USD100,000,000.00 (cem milhões de dólares para obras que compreendiam espaço administrativo, salas de aula e restaurante universitário) – ao passo que a maioria das novas instituições de ensino superior públicas faziam edificações baratas que a cada um a dois milhões de dólares já começavam a se instalar em espaços próprios. A empresa que realizava a obra teve problemas, pediu aditivos orçamentários que foram negados pela administração da universidade, o contrato acabou sendo rompido e a crise financeira chegou antes de se concluir a estrutura inicial – ou seja, gastou-se USD30,000,000.00 (trinta milhões de dólares) e a UNILA ficou sem uma sala de aula ou um escritório próprio.

A inexistência de infraestrutura própria faz com que a instituição dependa, em seus primeiros 8 anos, de espaços alugados e espalhados pela cidade, gerando um custeio que consome 40% do orçamento em alugueis, fragmentando a comunidade acadêmica no território e emperrando as condições de planejamento – que implicam em obstáculos à estruturação de políticas de assistência estudantil como restaurante universitário, problemas para instalação de laboratórios de ensino e pesquisa e por aí vai (sei que é careta, mas sugiro trocar por “e afins”).

Dos desafios exógenos que desafiam o desenvolvimento e até mesmo a consolidação da UNILA, cabe destacar a retração absoluta de recursos de investimento à universidade, os fatores limitadores por novos cursos de graduação quanto às vagas docentes e mesmo as vagas docentes faltantes para consolidação dos novos cursos. Soma-se a isso a alternância do cenário político, que se o governo que criou a UNILA a tinha em alta prioridade, o governo sucessor não a percebe com tal apreço, o que pode no futuro criar aportes, mas também compressões orçamentárias e inclusive uma invisibilidade política do projeto pela identificação primeira que ocorreu com o partido político do presidente Lula. Tudo isso em meio a contextos políticos e econômicos adversos ao entendimento das universidades como bens públicos e a educação como direito social.

Em julho de 2017 a UNILA sofreu o pior ataque a sua identidade, por meio de uma proposta legislativa de autoria de um Deputado Federal do estado do Paraná que propunha transformá-la em Universidade Federal do Oeste do Paraná (UFOPR), excluindo o caráter latino-americanista em vigor. A união da comunidade de Foz do Iguaçu, de forças políticas nacionais e internacionais e da comunidade universitária conseguiu, com muito esforço, promover a retirada da referida proposta. Isso dá o tom da rejeição que a UNILA (ainda) tem em setores significativos da opinião pública, mas também o sentido que faz para outros tantos.

Como indicava a Comissão de Implantação da UNILA, a incipiência da pós-graduação na região (IMEA, 2009, p. 20), sobretudo em níveis de mestrado e doutorado, tende a estabelecer com a UNILA um novo ponto focal para a formação de formadores e formação continuada de professores da região trina-cional. Unila já tem mestrados, mas ainda faltam os doutorados que certamente virão nos próximos anos.

O conjunto de desafios não é simples, mas certamente serão gradualmente enfrentados pela compreensão comunitária sobre o sentido que esse bem comum, que é a UNILA, tem a cumprir, na promoção de direitos sociais à América Latina.

Considerações finais

A trilha para construção da UNILA enquanto projeto transformador por uma outra geopolítica do conhecimento está aberta. Ao mesmo tempo, o desafio é ser uma universidade federal brasileira, mas resistir ao fluxo de ser apenas mais uma, para ousar inovar. Inovação que vai desde os potenciais da internacionalização, e as oportunidades específicas de uma universidade situada em uma próspera região de fronteira – e, diga-se de passagem, a fronteira mais viva da América do Sul. Para realizar a inovação no ensino superior, muito precisa ser construído, em todos aspectos – ensino, pesquisa, extensão e gestão, sob pena de ser mais uma instituição do mesmo arquétipo das universidades brasileiras que foram inauguradas há mais de 60 anos.

Tudo está a indicar que a UNILA dará uma contribuição significativa na formação de líderes para a América Latina e para formação continuada de docentes para a região onde está situada, considerando a tríplice fronteira. Ainda que conte atualmente com menos de mil egressos, muitos já se destacam em diversos países e em posições de liderança, além da maioria que está em programas de pós-graduação. Impacto que é mediado pelo tempo e pela cultura, cujas métricas de aferição também estão ainda por serem desenvolvidas.

Por mais que existam muitos desafios, endógenos e exógenos, de ordem infraestrutural, orçamentária e política, talvez o grande desafio é conseguir diferenciar-se do ponto de vista educacional, com educação de alta qualidade e ao mesmo transformadora, sempre ciente de que o *nosso Norte é o Sul* – como dizia Torres Garcia...

Referências

- Dias, M. (2015). *Cooperação Interuniversitária em tempo de Globalização uniformizante*. In: Morosini, M. Fórum Latino-Americano de Educação Superior. São Carlos: Pixel, p. 33-66.
- Imea. A Unila, (2009) *em Construção: um projeto universitário para a América Latina*. Foz do Iguaçu: IMEA, .
- INEP. Censo da Educação Superior, 2016. 2017.
- Nye Jr, J. (2004) *Soft Power: The means to success in the world politics*. New York: Publicaffairs.
- Paro, D. (2016). *Foz do Iguaçu: do descaminho aos novos caminhos*. Foz do Iguaçu: Epígrafe.
- Oliveira, N. (2012) *Foz do Iguaçu Intercultural: cotidiano e narrativas da alteridade*. Foz do Iguaçu: Epígrafe.
- Oppenheimer, A. (2010). *Basta de Histórias! A obsessão latino-americana com o passado e as 12 chaves para o futuro*. São Paulo: Objetiva.
- UNILA. (2018) #UNILARESISTE. Disponível em <<https://www.unila.edu.br/search/node/>

UNILARESISTE?page=1>. Acesso em 12 mar. 2018.

UNILAB. (2018) *Institucional*. Disponível em: <<http://www.unilab.edu.br/institucional-2/>>. Acesso em 12 mar. 2018.